

Apelo à indignação

ANTÔNIO CLÁUDIO
MARIZ DE OLIVEIRA

O País padece de várias doenças mais ou menos graves, e todos já estamos fartos de saber quais são. Não é por falta de diagnóstico sobre os seus sintomas. Também as causas já foram completamente detectadas. Mas o doente continua a se consumir no seu leito de UTI — sem que se lhe ministre nunca o remédio apropriado, eficaz, definitivo. Apenas uma gota aqui, outro comprimido ali: simples paliativos. Até parece que a única coisa que se pretende mesmo é estimular a indústria dos fabricantes de medicamentos meramente paliativos... A cura da doença? Esta não interessa.

Bem sabemos que, para alguns, pouco importa o prolongamento da doença. Eles não querem a mudança da situação, pois são os maiores beneficiários das mazelas sociais que corroem e deterioram o organismo do Brasil. Daí até provocam e estimulam o status quo, já que este significa, para aqueles aproveitadores, a manutenção de suas indecentes mordomias. Enquanto o enfermo já quase agoniza, acumulam mais privilégios e riquezas.

Enquanto isso, o que se assiste é a uma apatia generalizada, certamente motivada pela descrença que tomou conta da população. É parece que motivos não faltam para essa descrença. São muitos, os mais variados, e para todos os gostos.

Basta que se olhe em volta, nas ruas, no trânsito: nossas crianças, por exemplo, pobres crianças sem chance de emprego, sem amor, sem futuro — que estão sendo impiedosa e sistematicamente exterminadas. Basta que se leiam os jornais, com as suas denúncias quase diárias de escândalos e de corrupção. Basta que se contemple, na periferia, a imensa quantidade dos que são



ESTADO DE SÃO PAULO * 9 NOV 1991

tangidos hoje para as situações mais abjetas de miséria. Basta que se pense na violência crescente, na injustiça do salário mínimo, na educação precária, na saúde mais precária ainda. E no que se está fazendo com os aposentados, de quem surrupiaram o dinheiro e a esperança.

A inércia, no momento, é a pior coisa que nos poderia acontecer. Parece que chegou a hora de uma ação concreta, objetivando a remoção dos crônicos males que nos afligem. Ou seja, o restabelecimento, a cura do doente pertinaz em que transformaram o Brasil. Para evitar que, a continuar assim, ele morra à míngua.

Contra a inércia que se apossou do País, e se estende, viscosa, pelo seu organismo, retirando-lhe a capacidade de mobilização, só há um antídoto eficaz: é recuperarmos a capacidade de nos indignar. Por que a indignação? Porque ela é a manifestação mais eloquente e legítima do homem bem diante de situações injustas que o angustiam e revoltam.

É preciso, portanto, que volte-mos a nos indignar. Para isso, é preciso readquirir o antigo brio nacional perdido ou guardado, como traste inútil, lá no fundo de nossa consciência. É preciso, também, como pretendia e recomendava o velho Capistrano de Abreu — e como ele estava coberto de razão! —, que tenhamos todos vergonha na cara.

Ainda há homens que, pela sua formação humanista, estão dispostos a pugnar pelo bem comum. E sabem que não basta esperar do Estado a solução para os males do País, até porque muitas causas desses males serão encontradas na própria estrutura governamental e são provocadas pelos próprios homens que a compõem. Vamos deixar de transferir responsabilidades que também são nossas, da sociedade civil. Vamos, enfim, e para usar um termo bem atual, privatizar a construção do nosso País.

■ Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, advogado criminalista, foi secretário da Segurança Pública e da Justiça e presidente da OAB—SP